



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE MANACAPURU
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

HERMES SOUZA DA SILVA

**A CULTURA MATERIAL PRESENTE NA FESTIVIDADE DE SANTO
ANTONIO NO BAIRRO DE TERRA PRETA, MANACAPURU-AM**

MANACAPURU-AM 2017



HERMES SOUZA DA SILVA

A CULTURA MATERIAL PRESENTE NA FESTIVIDADE DE SANTO ANTONIO NO BAIRRO DE TERRA PRETA, MANACAPURU-AM

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para a conclusão do curso de bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientador: Prof. Dr. Rhuan Carlos Lopes.

**MANACAPURU-AM
2017**

HERMES SOUZA DA SILVA

**A CULTURA MATERIAL PRESENTE NA FESTIVIDADE DE SANTO ANTONIO NO
BAIRRO DE TERRA PRETA, MANACAPURU-AM**

Manacapuru, ____ de _____ de 2017.

Banca examinadora:

Prof.

Dr. Carlos Augusto da Silva – Examinador Interno

Universidade Federal do Amazonas/ Universidade do Estado do Amazonas

Prof^a. M.Sc. Antonia Damasceno – Examinadora Interna

Universidade Federal do Pará/Universidade do Estado do Amazonas

Prof^a. M.Sc. Ivone Maria Amorin Bezerra – Examinadora Suplente

Universidade do Estado do Amazonas

Prof. M.Sc. Crisvaldo Cássio Silva de Souza – Examinador Suplente

Exército Brasileiro/Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes – Orientador Universidade

do Estado do Amazonas

À minha esposa, Daniele da Silva
Aos meus filhos, Henrique Daniel, Heitor Joaquim e Gleyciane
À minha mãe, Nuzilene da Silva
Ao meu pai, Edilson da Silva

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, em primeiro lugar, pela concepção da vida e as oportunidades que ele nos favoreceu para que pudéssemos chegar até aqui. À minha família, que nos deu forças para continuarmos com os estudos e desafios que surgiram ao longo de todo o curso.

À Universidade do Estado do Amazonas e todo o seu corpo docente, a Direção e a administração, que nos proporcionaram a realização deste trabalho, abrindo espaços para que pudéssemos contar uma parte de nossa história dos municípios de Manacapuru.

Aos colegas de estudos e aos servidores da instituição.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rhuan Carlos Lopes, que nos deu suporte quanto à elaboração de todo o nosso trabalho, com suas orientações e correções, e o respeito à minha produção.

Aos familiares que realizam o festejo a Santo Antônio do bairro de Terra Preta e aqueles que nos ajudaram com suas várias experiências vividas dentro do festejo.

À minha família, que com amor não mediu esforços para nos ajudar Incondicionalmente.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram, o meu muito obrigado.

E ao nobre colega Clarindo Moreira, com quem pude contar e estreitar amizade.

A CULTURA MATERIAL PRESENTE NA FESTIVIDADE DE SANTO ANTONIO NO BAIRRO TERRA PRETA, MANACAPURU-AM

HERMES SOUZA DA SILVA

RESUMO

O município de Manacapuru apresenta uma diversidade de festas populares e religiosas. O presente trabalho tem por objetivo identificar a cultura material presente no festejo de Santo Antônio do Bairro de Terra Preta, realizado anualmente no município de Manacapuru, estado do Amazonas. Apresenta-se uma reconstituição da historicidade do evento, desde o seu surgimento até o presente, tendo em vista o debate sobre a sua cultura material, sua representação, significados, a identificação dos objetos que compõem essa cultura, a caracterização desses objetos que compõem todas as cerimônias e os rituais que fazem parte do festejo.

Palavra-chave: Cultura Material. Catolicismo popular. Instrumentos musicais.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de Santo Antônio utilizada nos festejos do bairro de Terra Preta, em Manacapuru, Amazonas. Foto: Hermes Souza, 2016.	34
Figura 2: Instrumento de percussão conhecido como Gambá. Foto: Hermes Souza, 2017.	37
Figura 3: Utilização do Gambá durante a festa. Foto: Erivânia Marques, 2017.	39
Figura 4: Instrumento de percussão conhecido como reco-reco. Foto: Hermes Souza, 2017.	41
Figura 5: Instrumento de percussão conhecido como tamborim. Foto: Hermes Souza, 2017.	43
Figura 6: Tamborim sendo utilizado durante a festa de Santo Antônio. Foto: Erivânia Marques, 2016.	43
Figura 7: Mastros utilizados ao longo da festa. Foto: Erivânia Marques, 2016.	45
Figura 8: Castelo utilizados na festividade. Imagem: Gabriel Sá.	46
Figura 9: Barquinha utilizada na festa. Foto: Erivânia Marques, 2016.	47

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – CULTURA MATERIAL E CATOLICISMO POPULAR	14
1.1. Conceituando cultura material	14
1.2. Catolicismo popular: origem e conceito.....	18
CAPÍTULO II - HISTORICIDADE DA FESTA.....	22
CAPÍTULO III - CARACTERIZANDO OS OBJETOS DA FESTA DE SANTO	32
ANTONIO DA TERRA PRETA.....	32
3.1. Os objetos e seus usos.....	32
3.2. Reflexão sobre resultados alcançados.....	48
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	522

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu por intermédio da construção de um artigo entre dois acadêmicos do curso de bacharelado em arqueologia, a priori a ideia que se tinha, era de escrever sobre a origem da festividade de Santo Antônio no bairro Terra Preta, em Manacapuru, Amazonas. Até então nossa intenção era descrever sobre os principais acontecimentos e desenvolvimento desta festa, que segundo a família Coelho, ocorrem durante os treze primeiros dias do mês de junho de todos os anos. Portanto nos delimitamos em descrever e conhecer sobre a cultura material presente ali naquele movimento festivo.

No mês de junho é quando ocorrem as celebrações que são feitas aos Santos conhecidos como santos juninos, é por isso que as festas populares religiosas que são celebrações realizadas aos “Santos” que ocorrem aqui e também em vários lugares do país e do mundo, geralmente ocorrem no mês de junho, ao Santo Antônio, São João e São Pedro, que são tidos como santos populares aqui no Brasil e cada um é comemorado em dias específicos, como por exemplo nos dia 13 Santo Antônio, 24 São João e 29 São Pedro. (www.jornalsantuário/notícias, acesso 15/11/2017).

E Manacapuru não está fora deste cenário das festas religiosas e no bairro Terra Preta está inserido o festejo de Santo Antônio da Terra Preta. Festa esta que tem alguns objetos, objetos estes de valores e significados culturais, que são utilizados dentro de um ritual, e sempre procurando mostrar a ligação de intimidade e respeito que se tem entre os devotos os objetos, entre estes objetos tendo três instrumentos de percussão que servem para dar ritmo musical nas ladainhas que são entoadas durante a veneração, que são as rezas e as procissões junto a imagem do Santo, que é o objeto de maior destaque dentro da festa, e, é quase familiar cheio de encantos e intimidades. Esse carácter fica bastante evidente quando se entra em contato com a variedade de objetos que são utilizados nesta festividade.

Lembramos que ainda na juventude, e ainda cursando os ensino fundamental e médio, tivemos contato com a festa, pois estudávamos ali no bairro bem próximo de onde ocorre a festa, na maior escola estadual do bairro, a Escola Estadual José Seffair, e durante os seis anos que ali estudamos, no período em que acontecia a festa era quase que impossível falharmos alguma noite em irmos aquele lugar.

Durante nossas idas e vindas junto aos colegas naquele evento onde brincávamos, sorriamos e víamos as rezas as ladainhas sendo entoadas com acompanhamento instrumentos musicais, sendo tocados com as mãos, e que para nós tudo era diferente do que estávamos acostumado a ver, e hoje já não olhamos como antes, pois hoje sabemos que se trata de uma ação onde envolvem significado e respeitos devocionais.

Durante uma observação participativa, aquela festa foi observado a presença de objetos culturais, com isso nos despertou a curiosidade, de se fazer um artigo em torno dos acontecimentos da festividade principalmente quando da utilização de alguns instrumentos musicais artesanais, até então o objetivo principal estava pautado em descrever sobre a origem daquele movimento religioso. Curioso com nossas indagações a respeito de como se realiza o evento fomos observar, e para que ocorra tudo dentro de seus planejamento, vemos o interesse de uma organização de promesseiros, portanto isso nos levou a atentamos para alguns detalhes que acontecem dentro daquele movimento, nos despertando assim, um interesse voltado aos objetos que são utilizados, neste caso como são usados para que são usados e porque eles usam tais objetos.

Como todas as festas populares ou religiosas, são celebrações que são realizadas em várias partes do país e no mundo. Em nossa cidade a religiosidade também está presente no festejo de Santo Antônio do bairro Terra Preta. Uma festa que todos os anos é realizada em função de agradecimentos por causas de promessas feitas ao Santo, e com efeitos da fé que se teve ao santo e foram atendidas suas petições.

Daí o porquê se tornou uma festa religiosa, passando a ser festejada todos os anos em datas já estipuladas e definidas desde seus primórdios por seus idealizadores que são os promesseiros e descendentes do autor da promessa. De acordo dona Wanda Coelho, que teve seu bisavô como fundador da festa, e hoje mantem-se a frente da organização do evento. E ao longo dos anos vem passando assim a contagiar aqueles que passaram a participar de forma direta ou indireta neste movimento de crenças, festas e aventura para muitos já que o Santo venerado é conhecido como casamenteiro.

Mas dentre todo o acontecimentos desta referida festa existem alguns itens que são os objetos que estão nela inseridos, como fatores principais que dão uma credibilidade e ritmo aquele evento: as bandeiras, a imagem de Santo Antônio, os instrumentos musicais e os mastros. Cada um segue uma ritual no que tange aos dia da festividade.

Observando esses objetos, que para nós ainda é uma incógnita, é que nos propomos em descrever sobre cada um deles, para compreendermos suas origens, valores e principais características, suas utilidades neste movimento religioso. Fernandes (2016) traz uma abordagem a respeito da festa tais como: seu surgimento, como acontece, o que representa desde o início até os dias atuais, e as frequente indagações a respeito da festa, onde ela se posiciona descrevendo o sentido de cada bem cultural.

Devido a utilização de alguns instrumentos musicais artesanal semelhantes aos do candomblé, o ritmo e a musicalidade das “*cantigas*” e alguns rituais como a barquinha de possuírem características culturais daqueles que cultuam os orixás, a festa para alguns trata-se de um ritual da umbanda, o que implicou na retirada de Santo Antônio do bairro Terra Preta, por ser uma das comunidade que compõe o corpo paroquial das Paróquias de Manacapuru. A ausência de ritos litúrgicos da igreja católica, de leigos e sacerdotes nas celebrações, também despertam em algumas pessoas, a indagação que esta festividade não é católica, e sim um ritual de origem africana, utilizando apenas a figura de um Santo católico. Desta forma, Santo Antônio da Terra Preta para alguns assume a figura de Ogum, deus da guerra, aquele que abre caminhos dentro do candomblé. Já para outros, Santo Antônio do bairro Terra Preta é um Santo milagreiro da igreja católica, que através da promessa feita o devoto alcança a sua graça.

Portanto, para procurarmos responder essas indagações nos propomos em identificar e caracterizar a cultura material presente na festividade de Santo Antônio do bairro terra preta.

A presente pesquisa foi escolhida proveniente de uma observação na festividade de Santo Antônio no bairro Terra Preta, que temos ouvido bastante sobre essa festividade que atrai muitas curiosos e aventureiros no período em que ocorre aquela festa religiosa, durante a observação verificou-se a presença, da imagem de

Santo Antônio, os mastros, os instrumentos musicais e as ladainhas, existente na festividade daí nossa curiosidade em irmos mais a fundo e obtermos mais esclarecimento sobre as diversidades existentes na festa.

Partindo dessas observações nos propomos em fazer uma descrição sobre a cultura presente neste evento de forma sistemática, visando apresentar como se dá a estrutura montada sobre essas festividades que são realizados em comemoração e devoção ao “Santo Antônio”. Portanto, para se compreender esse evento que acontece no bairro de Terra Preta, nossa pesquisa tem por objetivo caracterizar esses objetos, seus significados e sua simbologia e o que representam para os devotos, que se reúnem para cumprirem com seus compromissos de pagar suas promessas.

Para a elaboração do mesmo foi necessário realizarmos pesquisa bibliográfica da historiografia dos “festejos de santos populares”, e do Santo Antônio e principalmente o do bairro de Terra Preta em Manacapuru/Am.

Utilizamos também de pesquisa de campo, com entrevistas e vários diálogos entre pessoas que são ligadas ao festejo e até com aqueles que estão de fora e que tem outras visões a respeito da festa. Também realizamos observação participativa ao longo do evento, nos anos de 2016 e 2017, para procurarmos entender como são realizadas as celebrações e toda uma organização.

Capítulo I – CULTURA MATERIAL E CATOLICISMO POPULAR

1.1. Conceituando cultura material

Para melhor entendermos sobre a cultura material, se faz necessário compreendermos, o que é cultura material, de acordo com o dicionário Houaiss Conciso (2011, p. 250), cultura é, “...produto de tal cultivo ou tal criação, ou conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes, atividades etc. de um grupo social, forma ou etapas evolutivas das tradições e dos valores de um lugar ou períodos específico, civilização, conhecimento, estruturação, ignorância, ação de tratar, venerar”. Já cultura material, segundo o (Houaiss Conciso 2011, p.619), é tudo “...que é concretamente percebido, conjunto de utensílios, apetrechos usado em um serviço qualquer, aquilo que é feito algo, material, formado de matéria”; ou seja, é tudo aquilo que o homem através de sua dedicação, inteligência e necessidade, passou a produzir ao longo dos anos, com isso começou a fabricar tudo aquilo que lhes parecia necessário para o ajudar nos seus dia-a-dia e meios de vida ou melhor para sua sobrevivência.

Segundo Braga (2014, p. 2), “cultura do ponto de vista antropológico passa a dar conta das diferenças entre os povos, sobretudo pelo impulso adquirido nas ciências humanas e por trabalhos de campo em antropologia”. Com os avanços nos estudos se tratando de povos, ou melhor do que o homem foi capaz de fazer na construção de sua história, como concepção ou expansão do processo social, e o resultado de suas façanhas acabou gerando dados para se denotar hábitos, costumes, técnicas, instituições, personalidades, mentalidades e diferenças entre os mais diversos povos.

E esses objetos que foram criados ou fabricados e ao longo do tempo, conservou-se resistindo as inúmeras ações do intemperismo, e em algum momento de forma intencional ou não acabou sendo encontrado pelo homem, os tais objetos ou instrumentos que foram achados por alguém, e logo se tornou objeto de estudos para as ciências, que estão sempre em busca de respostas para tudo que lhes aparecem como sendo algo novo ou que precisam de um significado ou de um conceito, então dar-se aí o início na busca em dar resposta com suas fontes de estudos e as descobertas em cima dos objetos que foram utilizados e deixados por povos do passado. Os estudos sobre os objetos visam compreender um pouco sobre como os povos pretéritos viveram, quais tecnologias que foram criadas e que lhes serviram

tanto quanto as que são utilizadas em nosso cotidiano, e agora se entende como o legado do passado deixado pelos nossos antepassados.

Portanto, agora estamos neste cenário procurando entender como foram engendradas as mais variadas e divergentes técnicas quanto ao ensinar, o fazer, e ao mesmo tempo nas trocas de objetos entre grupos ou etnias, e a visão de mundo que os mesmos tinham em relação a manter vivas seus costumes, ritos e tradições ao mesmo tempo em que é passado as experiências para os mais jovens dentro de um determinado grupo.

É neste caso que (ULPIANO 1983, p.103) preocupado com a fragmentação das fontes escritas, sobre o domínio da história das sociedades antigas, é que se debruçou em “lançar algumas pistas para refletir sobre o alcance de um registro ou documento, as coisas físicas, como campo de fenômenos históricos, sem o qual a compreensão de uma sociedade se vê comprometida”. E isto se faz necessário, pois se não tivermos nada que venha nos servir de amparo a contar a história de uma sociedade já extinta nossos historiadores estariam sem um horizonte, é daí que ULPIANO parte de três posturas que são: a marginalização da cultura material, ou seja, não levando em conta matrizes ou narrativas míticas, como o nascimento de imagens; a instrumental, que se trata do uso do material ou do objeto como instrumento; a didática, se trata das informações sobre o universo material, mostrado por situações vivenciadas e experiências, com essas três posturas podem produzir alegações equivocadas sobre a documentação de material.

Neste caso, nos referimos ao composto que sobrou, os restos de objetos materiais, seja pela rejeição de uso, perda ou abandono de algumas peças dos mais variados tipos deixados por aí em algum lugar, ou seja, os artefatos da cultura material, então define-se o conceito de cultura material.

“Para cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais.” (ULPIANO, 1983, p. 112).

Como afirma outra pesquisadora: sobre a cultura material que foi produzida e provavelmente não teremos mais presentes aqueles que realizaram a façanha de

construir algo para sua sobrevivência, como as fontes primárias dos mais variados objetos.

“Maior que a de outros campos do conhecimento que também utilizam a cultura material como dado, essa forte identificação tem suas raízes, certamente, no fato de que, por não poder contar mais com os atores sociais em cena, ela constitui a fonte primária da arqueologia para o acesso ao passado da humanidade, quando não a única, como ocorre na pré-história.” (LIMA, 2011, p. 12).

Observamos também que outras ciências, que estudam a cultura material têm estado atentas quanto as questões de estudos em cima de documentos, como forma de concretizar alguns dados que são importantes quanto à produção de inúmeros artefatos uma vez que já não temos mais os nossos artistas, os artesãos ou artesã, uma vez que em alguns casos chegam a ser mencionados que a maioria dos artefatos foram confeccionados por mulheres. Com isso percebemos que há um interesse em mostrar informações positivas e com objetivo de narrar como de fato se deu o desenvolvimento da história dos nossos antepassados no tocante sobre a produção, uso, reuso e descarte dos utensílios materiais.

As escolas teóricas em arqueologia têm se dedicado a definir o que seja cultura material. Para o histórico-culturalismo, as coisas materiais mudam porque as pessoas mudam (LIMA, 2011, p. 13). Isto já está claro que as pessoas mudam, mas a cultura não ela apenas é transmitida ou passada para alguém como forma de conhecimento, sendo transmitir para alguém como uma expressão de satisfação e agradecimento pelo aprendizado tido na vida ao longo das experiências do dia-a-dia,

“A cultura material foi entendida como um reflexo passivo da cultura, sendo esta conceituada como um conjunto de normas, valores, ideias, prescrições e regras formais partilhado por um determinado grupo” (LIMA, 2011, p. 13),

Portanto, temos atentado para este detalhe em se tratando da cultura material, ou seja, de um conjunto de valores e significados, que foram dado a tudo isso que outrora foi engendrado pelo homem, e que agora o mesmo passou a ser alvo de algum tipo de visão, sobre os tais seja do simples fato de ser um objeto ou no fato de se ver algo diferente do tipo que se possa endear. É justamente aqui que geram

discussões e questionamentos daquilo que o homem idealizou, não se sabe ao certo se de forma intencional ou não, mas agora alguns desses artefatos passaram a ser um instrumento, um símbolo, algo que passou a ser venerado.

“Nessa perspectiva fortemente determinista, a cultura material foi entendida como um produto passivo da adaptação humana ao ambiente externo, sendo analisada, sobretudo, em seus aspectos e econômicos, à luz de rigorosos tratamentos estatísticos. Suas dimensões ideacionais, como significados simbólicos, crenças, motivações etc.” (LIMA, 2011, p. 15).

Dentre os debates que são levantados sobre a temática de conceitos sobre cultura, que fica algumas divergências, de como conceituar a cultura material, uma vez que se tornou vasto a questão sobre o que realmente é cultura e material. Mas entendemos que se trata de um conjunto de ideias pensadas e depois modeladas em matérias primas que são associadas umas às outras em misturas homogêneas.

A cultura material é produzida como um sistema, movimentadas por indivíduos que tiveram as suas escolhas ideologicamente determinadas. Longe de ser apenas um reflexo da cultura, ela a constitui ativamente. (Hodder, 1982 *apud* LIMA, 2011, p.19).

A cultura material passou a ser realizadas, obedecendo alguns limites e possibilidades que foram delegadas por seus idealizadores, tendo como visão as condições ambientais das quais são passível de compreensão por meio de suas funcionalidades.

“A cultura, modelada pelas possibilidades e pelos limites impostos por condições ambientais, passou a ser entendida como um sistema, ou seja, como um conjunto elementos interdependente- os subsistemas- em interação solidaria, sendo possível compreender um deles por meio de suas relações funcionais com os demais.” (LIMA, 2011, P. 14)

Portanto ao analisar esses aspectos, podemos compreender como de fato se deu essa dinâmica dos processos culturais, com isso nos despertando para o reconhecimento dos mais variados padrões da própria cultura material, como resultado de sua produção, ou seja, os registro impregnados nos artefatos.

1.2. Catolicismo popular: origem e conceito

De acordo com Mesquita (2015), o catolicismo em geral tem seu início com a história do cristianismo, provavelmente com a igreja católica em Roma, onde está caracterizado o início dos trabalhos eclesiástico, através da evangelização ou catequização com a igreja católica que se dispôs em levar os conhecimentos eclesiásticos.

Ainda segundo o supracitado autor, a entrada do catolicismo popular no Brasil deu-se durante o século XVI em um grande movimento da expansão mundial, conhecido como movimento colonial, o mesmo tendo a sua origem no continente Europeu, chegando mais tarde ao “Novo Mundo”, mais especificamente no Brasil. Em terras brasileiras fez-se necessário realizar um projeto de expansão catequético, onde a conversão caminharia lado a lado com a fé e aproveitando os recursos humanos indígenas e africanos para uso de trabalhos braçais.

“...há dois caminhos pelos quais os estudos da história da igreja no Brasil são realizados: O primeiro é o do Estado colonizador, se assegurando que o principal motivo da colonização foi o benefício dado aos indígenas a expansão da igreja, conversão a fé católica e a catequização dos povos que nunca tinham sido evangelizados. E o segundo é o das vítimas – indígenas, africanos e os seus descendentes que foram obrigados a trabalhar como escravos para os Europeus.” (MESQUITA, 2015, p.159-160).

O catolicismo que é tido como popular foi trazido para o Brasil, por portugueses de classe baixa, por intermédio do período da colonização pelos portugueses, logo após chegar no Brasil e logo passando a fazer parte de uma atividade de uma espécie de celebrações ou festas que se realizam aos santos.

E assim passou a ser conceituada as inúmeras festas que são configuradas nos movimentos religiosos seguidos de ritmos, rezas e devoções, e foram ganhando aos poucos espaços a ao mesmo tempo atraindo muitos admiradores e com a participação passaram a ser participantes desses movimentos de fé e devoção.

As festas populares religiosas são celebrações feitas aos santos, que são realizadas em vários lugares do país e no mundo, e algumas delas ocorrem no mês

de junho, como no caso destes: Santo Antônio, São João e São Pedro, que são populares e religiosos principalmente aqui no Brasil. Cada um tem seus dias específicos de comemoração, como por exemplo, nessas datas já definidas, temos no dia 13 Santo Antônio, 24 São João e 29 São Pedro. As três festas são conhecidas como junina porque acontece no mês de junho.

“A festa de Santo Antônio da Terra Preta em Manacapuru se configura como uma manifestação da cultura local, mas que não deixa de dialogar com muitas outras festas de santo que compõem o arquétipo cultural do caboclo amazônico” (FERNANDES, 2016, p. 16).

Estas festas têm alguns elementos característicos que o representam muito bem, por exemplo, os santos, elementos fundamentais do catolicismo, ou seja, é um objeto que é utilizado para a devoção, neste ato em que as comunidades, famílias ou grupos organizados se reúnem para fazerem seus oratórios. Nos compete também salientar que todos os objetos que estão inseridos como parte das ações realizadas aos santos também fazem parte dessa cultura.

Por exemplo, na antropologia o conceito de cultura popular é utilizado com o objetivo de fazer análises sobre a relação da religiosidade das pessoas com a sua religião oficial, e um exemplo disso é apresentado pelo antropólogo Heraldo Maués (2011), em uma festa de santo que ele analisa em uma ilha conhecida como Itapuá, que fica no interior do município de Vigia, no estado do Pará.

Portanto, para verificar como se desenvolvem essas questões da cultura que é vivenciada dentro do catolicismo popular, neste lugar acontece uma festa de santo, que é conhecida e celebrada ao São Benedito, e para se obter informações sobre tal ritual que ali acontecem no que desrespeito aos principais acontecimentos se fez necessário que houvesse uma observação participativa e de vários diálogos entre o autor e vários moradores daquela região, uma “área litorânea do estado do Pará, a chamada região do Salgado e, mais particularmente, no interior do município de Vigia, especialmente numa povoação de pescadores chamada Itapuá” (MAUÉS, 2011, p. 2).

Maués, realizou um trabalho participativo nessa região com o objetivo de

observar os aspectos do catolicismo popular de populações amazônicas tradicionais não indígenas (muitas vezes chamadas “caboclas”, como todo o preconceito que essa expressão comporta). (Maués, 2011. p.2).

Para o autor, trata-se de um movimento religioso, ou melhor de uma festa de santo, e que o mesmo teve a oportunidade de presenciar durante sua estadia naquele local e com um olhar diferenciado no que desrespeito aos aspectos de crenças sobre os santos católicos. Percebe-se que após três anos sem ser realizada a festa que outrora ocorria naquele local volta-se novamente a erguer-se, e com a levantação do mastro de Santo Antônio na povoação de São Benedito da Barreta, daí volta a celebração Isso porque até então naquele povoado toda a comunidade celebrava o São Benedito e não a Santo Antônio.

Isso passa a ser conhecido pelo autor por intermédios de moradores que contam sobre o único santo que era festejado em São Benedito o padroeiro daquele local, e que um cidadão comerciante influente daquele povoado, era devoto de Santo Antônio, levou a imagem do santo, e logo conseguiu introduzir o mesmo no meio do povo, fazendo com que alguns daqueles que veneravam o São Benedito, passassem a festejar e venerar Santo Antônio, partindo daí dar-se início a construção de uma casa que venha ser usada como casa ou morada para o novo santo.

Com o passar dos anos aquele lugar começou entrar em decadência e o povo começou a deixar aquele lugar assim como a mudança da dona do São Benedito que levou consigo o seu santo. Após este ocorrido, só restaram duas famílias ali naquele lugar outras casas foram jogadas ao chão e outras permanecem de pé, porém sem ninguém habitando aquelas casas, inclusive a casa daquele comerciante que incendiou-se este que foi o responsável por introduzir um outro santo ou padroeiro naquele lugar.

Percebe-se que para alguns, algumas coisas foram transformadas na forma de se comemorar os santos enquanto São Benedito carrega toda uma tradição de respeito e gratidão ao divino ou divino espírito santo, Santo Antônio vem com um novo engendramento de festa, o novo santo agora se apresenta com novas maneiras de se comemorar que são a festa dançante em que não se fazia a São Benedito e agora as comemorações acaba por trazer inovações como o ritmo e algumas brincadeiras.

Aqui não fica claro se o são benedito é ou não poderoso mas o certo é que o povo lá de Barreta passou por castigos, e mesmo assim acabou dando lugar ao novo santo que ali chegou o Santo Antônio que por pouco tempo foi festejado e reverenciado como um santo milagroso, capaz de tornar pessoas já definidas quanto a fé, em relação ao seu anjo da guarda e protetor.

Fernandes (2016, p. 30), expõe essa questão com muita seriedade o desenvolvimento da festa de Santo Antônio do Bairro de Terra Preta e faz comparações com a festa de são Benedito, partindo dos princípios organizacionais, da “irmandade, promesseiros, obrigação, empregados folia, foliões, mordomos, juízes, mastros, instrumentos confeccionados com produtos regionais, musicas, procissão fluvial, relação dos empregados afixada na parede da igreja, preparação de comidas variadas são alguns dos componentes das festas dos santos em Itá e também em Manacapuru”.

“Esta forma de festejar os santos acontece em várias vilas e freguesias próximas de Itá; como Jocojó, Ribeira, Jacupí, Bacá e Pucuruí. Outros aspectos nos chamam atenção nas festas em Itá, por exemplo, Santo Antônio é o padroeiro da cidade e é considerado por todos como santo dos brancos, representante de gente de primeira; já São Benedito é considerado santo dos pobres, dos seringueiros, pescadores e dos trabalhadores de roça, além de ser considerado santo dos negros, representante de gente de segunda.”
(FERNANDES, 2016, Pg. 30)

Portanto em Manacapuru não é diferente também temos esses movimentos festivo do catolicismo popular em diversas comunidades adjacentes, seguindo quase sempre as mesmas características entre são Benedito e santo Antônio e, em diversos pontos da Amazônia.

CAPÍTULO II - HISTORICIDADE DA FESTA

A festividade de Santo Antônio da Terra Preta é uma festa popular religiosa, que acontece no bairro Terra Preta no município de Manacapuru-AM. A festa ocorre todos os anos no mês de junho na cidade de Manacapuru, que “está localizada a margem esquerda do rio Solimões em confluência com o rio Manacapuru, distante da capital Manaus 84 km via terrestre e 102 km via fluvial, a cidade foi fundada em 15.02.1786, após a pacificação de um grupo de índios que viviam na região, os Mura” (BRAGA, 2007, p. 7-8), a mesma está hoje interligada a região metropolitana de Manaus, com acesso direto pela ponte sobre o Rio Negro, inaugurada em 24 de outubro de 2011, esta ponte interliga os municípios de Iranduba, Manacapuru e Novo Airão e Manaus pelas AM070 e AM-352 (FERNANDES, 2016, p. 94).

Ainda segundo dona Wanda Coelho, esta vem sendo realizada todos os anos, nos treze primeiros dias do mês de junho, data está sendo obedecida desde sua fundação, que deu-se por intermédio de uma promessa feita a Santo Antônio, pelo seu bisavô, que habitava naquele lugar, no período em que ocorrera os conflitos entre os cabanos e as forças militares, conhecida como a Guerra da Cabanagem,

“A cabanagem foi uma revolta popular que aconteceu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão Para (região norte do Brasil, atual estado do Pará). Recebeu este nome, pois grande parte dos revoltosos era formada por pessoas pobres que moravam em cabanas nas beiras dos rios da região. Estas pessoas eram chamadas de cabanos” (www.suapesquisa.com em 24/08/2017).

Na realidade a guerra da cabanagem ela não surge do nada, comprovada a sua maior intensidade entre os anos de 1835 e 1840, na realidade ela começa bem antes de acordo com (Balkar 2009. p. 1). Ela começa a tramitar em 1830, como resultado de duas trajetórias e tensões. Uma com a visão dos embates políticos, e outra estando em estado caótico, em decadência pelas mazelas de uma sociedade mau estruturada.

Portanto ressaltamos aqui que essa festa é realizada em honra à Santo Antônio no bairro Terra Preta, que teve esse fundamento durante a Cabanagem, este movimento que foi o responsável por mudanças em várias engendramentos na região norte e principalmente no Amazonas, como no caso de Manacapuru, desta forma originando a tradicional e popular festa da terra preta, oriunda de “uma das mais

importantes revoltas nativistas do período da Regência, ocorrida entre os anos de 1835 e 1840 e destacou-se pelo seu caráter eminentemente popular, onde os cabanos (moradores de cabanas nos vilarejos ribeirinhos e que deram o nome ao movimento), índios, negros e mestiços foram os personagens principais”, (sua pesquisa.com em 24/08/2017).

Segundo dona Wanda Coelho, a festa começou por intermédio da promessa de seus avós, realizada no período em que ocorreu a Guerra dos Cabanos.

“O meu avô morava em uma parte baixa lá na enseada, quando da chegada dos Cabanos, que houve tiroteio entre turcos e cabanos, mas ele trabalhava com uns índios e aprendeu técnica de sobreviver, ai quando hove tiroteio ele se escondeu embaixo de um tacho era uma espécie de tambor grande e não foi atingido pela guerra, houve uma matança de crianças e todos quanto aparecesse meu bisavô fez a promessa se ele saísse com vida ele ia fazer a trezena em honra a Santo Antônio devido u livramento dele e da família”. (Wanda Coelho, entrevista em 28/05/2016).

O festejo de Santo Antônio teve seu início a aproximadamente, a quase dois séculos, de acordo Amorim, “os caboclos do lugar dão o sustentáculo a mais ou menos dois séculos de história, cultura e tradição, que é transmitida de geração a geração pelas festas do padroeiro que acontece todos os anos nos primeiros treze dias do mês de junho” (AMORIM, 2013, p. 61).

Ainda de acordo com dona Wanda Coelho, após o encerramento da guerra começou a realização de um festejo que foi o resultado da promessa, mas também existem outros movimentos religiosos no bairro de Terra Preta. Segundo Amorim (2013), são o cristianismo católico, catolicismo popular e o cristianismo protestante.

Portanto, desde sua origem como resultado dessa promessa feita a Santo Antônio por um dos moradores daquela região na época, dona Wanda Coelho, que até a presente data continua festejando e procurando sempre manter vivas as mesmas tradição, costumes e ritos, desde quando passou a se entender e fazer parte tanto da festa, quanto da organização e realização da mesma, ela e os demais descendentes da família Coelho entre outros, vem colocando em prática o que a ela foi passado de geração a geração, o que ela aprendeu com o senhores: Sindico, Doca, Fugêncio,

Matias e Joaquim Coelho esses foram os pioneiros deste evento baseado na fé e devoção, e assim em seus relatos conta de como se deu esses acontecimentos.

Frisamos também, que a festa que era feita antes da divisão das famílias tinham uma dimensão bem grande chegando a ter, de acordo com (Amorim 2013), até parquinho de diversão, barracas com comidas variadas, do espetinho a maçã do amor.

E o dia em que mais se reuniam pessoas era o dia doze de junho, (dia dos namorados), nesta data se comemora o dia dos “namorados” em todo o país. Então, nesta data, aquela rua de aproximadamente uns quinhentos metros de comprimento chegava a ficar quase que intransitável durante a noite do dia doze.

Destacamos também que no bairro onde se celebra Santo Antônio, temos outros eventos que ali ocorrem, como resultado de fé e devoção, no caso temos presente, o “cristianismo católico, o catolicismo popular e o cristianismo protestante”. No referido bairro de acordo Amorim (2013), o cristianismo católico se alicerça por meio da fé e crença nos Santo Afonso e São Sebastiao, conforme a liturgia da igreja católica. O catolicismo popular se manifesta por meio de dois santos, que são eles Santo Antônio e Santíssima Trindade e Nossa Senhora de Nazaré, que não tem reconhecimento litúrgico da diocese de Coari e concernente também não recebendo reconhecimento das paróquias de Manacapuru. O cristianismo protestante que, segundo os fies se alicerça na palavra de Deus, por meio das doutrinas nas igrejas evangélicas como: Assembleia de Deus, Igreja Batista, etc. (AMORIM, 2013).

O que não presenciamos foi a participação do padre naquele evento, pelo menos durante o dois anos em que observamos a festividade. Não houve e nem foi mencionado algo do tipo em que houvesse uma celebração litúrgica, já que se trata de uma festa religiosa, e de um santo da igreja católica.

Segundo relatos de várias pessoas ligada as celebrações de Santo Antônio no Bairro Terra Preta, é que houve uma discordância entre os organizadores da festa com o padre Miguel, padre da época, que não aceitou os ritos impostas pelos fiéis, e as reivindicações dos idealizadores da festividade, e tão pouco eles os promesseiros aceitaram a imposição da igreja católica, imposta pela Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré em Manacapuru.

De acordo Fernandes (2016), Dona Dica confirma a tradição do bairro, a origem do evento associada à figura de Joaquim Coelho e as relações familiares estabelecidas na sua origem. Ela fala sobre a sua participação na criação da festa da comunidade e a tentativa do Padre Miguel em unir as famílias: Coelho e Vasconcelos em torno de um único evento, pois havia ali uma discordância entre as duas famílias de maior peso dentro da celebração.

“O padre Miguel foi um dos párocos de maior tempo de atuação, durante a década de 70, e que tinha muita influência na cidade, podemos inferir que a sua intenção era agregar as famílias, a igreja e a população em torno de um único evento que, à época, era uma das maiores manifestações religiosas do local, pois sua proposta de comprar um terreno grande para construir uma estrutura que atendesse à grande demanda nos dias da festa foi bem acolhida por todos. No entanto, esta proposta foi rechaçada quando o padre mencionou a Prelazia de Coari, a qual Manacapuru estava e é ligada até hoje. Ou seja, esta proposta dividiu opiniões e criou muitas divergências entre as famílias, o que contribuiu para a desistência do padre em unir todos em torno de um único evento.” (FERNANDES, 2016, p. 124).

Ao mencionar sobre a prelazia de Coari houve divergências de opiniões entre os familiares para eles temiam que se perdessem alguma tradição, por tanto eles sentiram-se bem, se eles mesmos estivessem a frente dos principais acontecimentos.

Mas não foram só essas, as discordâncias que houveram entre os idealizadores desta festa, sendo as duas famílias Coelho e Vasconcelos, houve também problemas entre as duas famílias o que levou a se dividirem, com isso passaram a se realizar duas festas, ficando assim o Santo Antônio de baixo e Santo Antônio de cima, com isso perde-se algumas forças de toda uma cultura e tradição a qual nos reportaremos mais adiante.

Em entrevista com Erivânia Marques, que hoje participa ativamente da festividade e também é devota de Santo Antônio, nos contou que houve uma discordância entre o padre da época em que não foram aceita as colocações do padre

passando assim a seguir com as celebrações sem a presença de um padre, e somente com os promesseiros.¹

Erivânia Marques, também nos falou que ela fez várias promessas a Santo Antônio, e cumpriu pois a mesma sempre que pede algo para santo, algum milagre como cura de doenças, conquista de empregos entre outros, e a mesma tem tido suas petições resolvidas como resultado da fé que ela tem no santo. Como exemplos, ela nos contou o que aconteceu com o filho dela, que teve problema de coração grande o mesmo veio a ser curado, por intermédio da promessa e ela própria que teve tuberculose fez uma promessa foi curada e pagou a mesma em agradecimento pela cura.

Dentre os acontecimentos desta festa hoje temos os organizadores que seguem uma logística já estabelecida e que quase não muda, são as pessoas que organizam começam a trabalhar bem antes do primeiro dia do mês de junho para que ocorra as treze noites de festa e celebração a Santo Antônio. Esta festividade atrai muitas pessoas de vários bairros da cidade, são aqueles que vão com o objetivo de prestar sua devoção, enquanto outros vão em busca de algo como conhecer alguém, por se tratar de uma cerimônia a um santo que conhecido como santo casamenteiro.

E para as sucessões deste acontecimentos tem que se contar com a presente organização que são o descendentes das famílias Coelho ou Vasconcelos que se organizam em grupos são eles os juizes da festa, do mastro, da barca, o troneiro, o mordomo, o mestre sala, o casteleiro.

O juiz da festa são aqueles responsáveis pelos contatos quanto as permissões junto aos órgãos públicos, como prefeitura, delegacias com o intuito de obter os licenciamentos, as partes burocráticas e documentas, para que tudo esteja dentro dos padrões legais quanto ao que rege as leis municipais.

O juiz do mastro que é composto por alguns homens, que fazem a retirada de troncos de madeira na mata, para ser usado como mastro na cerimônia de levantamento do mesmo, que ante de ser erguido passa por ornamentações com

¹ Entrevista realizada em 29/08/17.

samambaias, frutas verdes e com brinquedos, o que causa uma festa entre as crianças na expectativa da derrubada.

O juiz da barca que é uma participante nata responsável pela preparação da barca, com suas ornamentações para o dia doze onde ocorre um dos momentos mais esperados da festa, a canoa da alumiação que após toda uma ritualidade é colocada e liberada no rio, cercada de iluminação feita com a parte inferior de garrafas pet, “material plástico descartável de refrigerante” dezenas de garrafas são cortadas com cerca sete a oito centímetros de altura, aproveitando a parte da base que facilita sua instabilidade e não vira facilmente ao ser colocada ao rio, a mesma fica em forma de uma tigela que passa por ornamentações, com fitas brilhosas e colocam-se velas no centro destas vasilhas, preparada para o ato de produzir luzes de cores variadas que após as velas serem acesas produz uma iluminação com brilhos diferentes, o qual é perceptível ao olharmos para as águas cores em tons de arco íris.

O torneio é o que podemos classificar como o juiz da igreja segundo Fernandes, responsável pela preparação da igreja, ou seja o que ornamenta toda a igreja, são os adereços como, as bandeirinhas no teto como se fosse o forro a ornamentação do altar com fitas, flores velas etc. (FERNANDES, 2016, p. 134).

O mordomo são as pessoas que providenciam os alimentos para as doze noites, em que sucederam a festa, que são servidos para todos aqueles que participam das novenas e do arraial.

Os mestres-salas são aqueles que tem a incumbência de organizar a área externa da festa onde acontece as danças e também pelos enfeites da sede da festa lugar onde possivelmente ocorrem algumas danças ainda do arrasta pé aquela estilo bolero romântico, encontro este entre homens e mulheres que surgem as conversas de conquistas que para muitos já funcionou na festa do santo casamenteiro.

Casteleiro são aqueles que organizam o castelo para um momento impar que ocorre ali, o castelo e ornamentado utilizando os mastros que são interligados um ao outro com ramos flores e enfeites diversos e formando uma espécie de portal, por onde ocorre a entrada e a saída da canoa da alumiação no dia doze.

Sendo assim está festividade tem seu início no primeiro dia do mês de junho com uma alvorada que começa a partir das quatro horas da manhã seguida de

uma procissão pelas ruas do bairro, nesta ocasião os comunitários seguem em uma caminhada, onde cada devoto levam em seus pensamentos um só objetivo de cumprirem com suas promessas, enquanto alguns levam consigo os seus instrumentos musicais, que vão sendo tocados dando ritmo as cantigas e ladainhas que são entoadas durante toda a caminhada pelas principais ruas do bairro até a chegada na igreja, e na igreja continuam tocando cantando suas músicas que tem ligação com o sentimento de dever e cumprimento de suas responsabilidades para com o Santo, e em seus pensamentos a gratidão em honra ao Santo milagreiro e assim está dado o início de mais um festival.

Logo após seu início alguns cidadãos saem em direção a mata para fazerem a retirada da madeira que servirá como mastros, e serão enfeitados com frutas verdes e no final da tarde são erguidos em frente a igrejinha todos enfeitados com samambaias frutas verdes e em algumas vezes com brinquedos, que representam o alimento e a honra com a convicção de que não lhes faltara os alimentos para o povo.

Também são colocada as bandeiras do Santo Antônio em cada mastro assim os mastros são erguidos um a um seguido de uma rirtualidade já estabelecida desde seus primórdios com as cantigas e ladainhas, após serem erguido os mastros os cantores e músicos realizam um movimento circular entorno dos mastros, com as cantigas e ritmos que lhes são próprios, e as mesmas compostas desde seu início pelos primeiros idealizadores da festa, que criaram este movimento festivo, assim essas letras e musicais são entoadas com o acompanhamento dos instrumentos de música, que são de produção artesanal feito pelos próprios foliões, que são eles o tamborim, o gambá e o cara-caxé instrumentos que fazem parte da festa, os membros sempre somente utilizam esses instrumentos na festa, após serem usados ele permanecem guardado dentro da igrejinha.

Ainda quanto a levantação dos mastros, conforme o número de mastros que são erguidos, seguem-se uma cerimônia com cantos e batucadas em torno dos mesmos e conforme o número de mastros, sendo uma volta para cada mastro, representando assim um compromisso de igualdade e sem diferenças.

E assim seguem com a programação, durante as noites em que sucedem o arraial, com muita brincadeiras e diversão, também se nota a presença de leilões e

muitas comidas ou pratos típicos da região que são postos à venda para que quem vem prestigiar o evento possa saborear as delícias de pratos da região.

E logo cedo eles fazem as primeiras obrigações de devotos participando das novenas que são realizadas todas as noites tendo suas preces e cânticos entoados e acompanhados de um ritmo musical produzidos pelos até então instrumentos que são usados durante todos os ritmos novenários do festejo que são eles tamborim, cara-caxé, gambá, que dão ritmo as ladainhas e cantigas durante todo o movimento festivo tanto dentro como fora da igreja. Dona Wanda Coelho mencionou que o gambá tem cerca de cem anos de idade, feito de tronco de madeira oco em forma de um cubo e sobre uma de suas extremidades é colocado um coro de animal bem fixo e ao ser manuseado pelo seu percutor, o mesmo produz um som agradável em ritmo de agitação, a pele ou pelo que reveste uma de suas extremidade, é trocado sempre que necessário devido ao seu uso que vai perdendo sua durabilidade, esta pele ainda seguindo a tradição o referido couro é feito de couro de veado, boi ou onça.

No segundo dia, acontece um café da manhã partilhado como uma representação de unidade e fartura onde os organizadores da festa convidam a todos da comunidade para participarem do banquete, e cada família que participa é responsável por um prato típico de alimento para a mesa do café, ou seja, cada membro traz pronto uma porção de alimentos que são reunidos em uma grande mesa antes de começarem a se alimentar.

Por volta de sete horas, um participante comunitário e devoto de Santo Antônio toma a palavra e pede para fazerem um grande círculo e ali o mesmo faz uma oratória seguida do pai nosso), em agradecimento as inúmeras bênçãos recebidas, desde o início até o presente momento em que ocorre a festividade e em volta a mesa, todos participam do café onde surgem muitas conversas em tons de alegrias, de contentamento pois se trata de um reencontro entre amigos familiares e simpatizantes e aqueles que moram em lugares distantes como: estradas e outras cidades.

Nos dias em que ocorrem a festa do terceiro dia em diante até o decimo primeiro dia acontecem as trezenas e arraias, com as noites dançantes, e muita músicas de ritmo juninas, bingos e leilões e a venda de muitos pratos típicos da região para quem vem prestigiar o evento e muitas são as brincadeiras entre participantes com muitas conversas e muitos relatos da sociedade local abordando vários temas

como política, religião, futebol, entre outros como o de dar conta da vida dos outros, o que ocorre em muito em meio as vizinhanças, e povos de bairros pequenos de onde surgem muitas ideias e informações a respeito dos inúmeros acontecimentos daquela festa, tais como namoros, casamentos ou milagres recebidos como resultados de promessas que foram feitas ao santo.

No decorrer dos dias deste festejo no decimo segundo dia é realizado no entardecer ou início da noite, dar-se o início a celebração da barquinha ou a canoa da alumiação que após ser ornamentada com todos os adereços segue-se em uma procissão fluvial no rio, com cantigas próprias daquela cerimonia, após todos as homenagens prestadas e toda a reverencia aquele momento impar é colocada e liberada no rio com muita festa e ação de graças e os fogos de artifício fazem o que chamamos de despedida, e em seguidas voltam para a igreja com a imagem de Santo Antônio e nosso Senhora de Nazaré, em seguida eles fazem um corredor tocando as ladainhas após passarem pelo corredor entram no castelo, como um fator bastante significativo para eles representando a chegada da bonança, ou seja, a fartura e se dispondo do pior para uma renovação ou dias melhores.

No dia treze ocorre a grande procissão terrestre ao Santo Antônio, por se tratar do dia em que é comemorado e venerado o referido Santo, tanto aqui quanto em várias partes deste país e do mundo, portanto em tons específico ocorrem a grande procissão pelas ruas do bairro, evento este que muitos comunitários do bairro, já estão acostumados ver passar em frente suas casas todos os anos, sempre no dia treze do mês de junho, e assim segue a grande comitiva de fiéis e religiosos que vão conduzindo a centenária imagem de Santo Antônio e geralmente em lugar de destaque na frente de todos durante toda a procissão, que é carregada naquele momento por um dos fiéis, com sentimento de respeito e gratidão até a chegada na igreja onde lá dentro a imagem do santo é colocada no trono e ali ocorre toda a satisfação dos fies em cumprir com suas promessas, naquele momento pode-se presenciar a emoção de alguns religiosos, daí em diante só se presencia muita diversão entre todos que já se preparam para o dia seguinte o encerramento.

Dar-se o encerramento no dia quatorze logo ao amanhecer com o sela cavalo, que é uma cantiga ou ladainha utilizada como um marco de encerramento daquele festejo, que para eles os religiosos terminam a participação com o sentimento

de dever cumprido e que mais um ano foi-se cumprido a promessa, seguida com a derrubada dos mastros, um momento esperado por muitos já que nesse ato surgem muitas gargalhadas e empurra-empurra motivado pelo vontade que cada um tem em querer pegar algumas frutas que durante os dias em que estiveram exposta as ações do intemperismo, passaram pelo processo de amadurecimento, ou seja, preparadas ou pronta para ser consumidas e naquele momento alguns pegam se alegram, ficando satisfeitos uns com os outros e aqueles que não pegam nenhuma fruta, só restam as bandeiras que são colocadas no cume dos mastros, são elas as bandeiras representantes daquele movimento, e quem pega uma das bandeiras fica responsável por enfeitar um dos mastros no próximo ano, e assim é finalizada as noites de festas a Santo Antônio do bairro terra preta, como agradecimento pelos compromissos feitos com promessas e foram atendidas fica o sentimento de gratidão e esperança para o ano vindouro.

Diante de tantos detalhes a respeito da festa como mencionou Fernandes (2016) a respeito de uma predominância popular religiosa consideramos normal, este evento de fé, gratidão, honras apesar de terem ocorridas várias situações adversas, para que se perpetuasse esta festa e continuasse acontecendo até este momento, os dias atuais. E tendo êxito em meio a uma sociedade que se presenciam inúmeras inovações de diversidades culturais.

CAPÍTULO III - CARACTERIZANDO OS OBJETOS DA FESTA DE SANTO ANTONIO DA TERRA PRETA

3.1. Os objetos e seus usos

Para iniciarmos trataremos em caracterizar os objetos a qual nos propomos em estudar, os quais são utilizados durante as trezes noites de festas, que são desenvolvidas na festividade de Santo Antônio no Bairro de Terra Preta, são eles: a imagem de Santo Antônio, o instrumento, gambá, cara-caxé e dois tamborim, os mastros, o castelo, a barquinha ou canoa da alumiação e a bandeira.

Para falarmos de Santo Antonino temos que procurarmos entender onde ele surgiu, primeiro nasceu Fernando em maio de 1195 em Lisboa Portugal filho de portugueses, e que em sua trajetória de vida recebeu fortes influências da igreja da Santa Mãe de Deus, em sua dedicação a religião realizou trabalhos para a igreja católica, onde durante os trabalhos de missões, obteve alguns resultados de fé, realizando curas e milagres, e que logo em seguida após sua morte passaria pelo processo de canonização como resultado dos seus atos junto às comunidades por onde ele trabalhou nas suas missões redentoristas, e logo após passa a ser santo.

“No ano de mil duzentos e trinta e um da Encarnação do Senhor, na quarta indicação, a treze do mês de junho, numa sexta-feira, transitou felizmente à mansão dos espíritos celestiais, tomando o caminho de toda a carne, o nosso bem-aventurado padre e irmão António (...)” (ASSIDUA, 1232, p.54 *apud* FERNANDES 2016, p. 44).

Daí em diante seguiu-se as celebrações em comemoração ou agradecimentos pelos resultados por intermédio da fé, que foram consagrando Fernando e depois após a mansão dos mortos o papa Gregório IX o canonizou onze meses após sua morte e o chamou de “santo de todo mundo”, numa alusão a fama que ele tinha em vida, a partir de então seguiu-se a sua difusão para o mundo, chegando ao Brasil por volta do século XVIII.

Bom não parece fácil se falar a respeito de um Santo Antônio que hoje tem uma popularidade muita grande entre fieis, e principalmente os do bairro Terra Preta e de várias partes do país e do mundo, portanto nos ateremos em falar sobre Santo Antônio do bairro de Terra Preta, este que chegou aqui por intermédio da guerra dos

cabanos, mais sobretudo antes do mesmo ser santo este foi Fernando que em vida ajudou muitas pessoas principalmente os povos de baixa renda.

Após passar por critérios canônicos da igreja católica, o frei Antônio que realizou muitos feitos milagrosos por intermédio da fé, agora passou a se chamar Santo Antônio, sendo aprovado pelo papa da época em que se desenvolveu os atos que o consagram como Santo.

“Por isso, Nós pedimos a todos, ardentemente vos admoestamos e exortamos, mandando por esta Carta Apostólica que desperteis salutarmente a devoção dos fiéis a venerá-lo. Vós, portanto, celebrareis todos os anos no dia 13 de Junho a sua festa e mandareis que ela seja solenemente celebrada, para que o Senhor, movido pela sua intercessão, nos conceda a graça no presente e a glória no futuro”.
(BISPO GREGORIO Apud FERNANDES, 2016, p. 49)

E, portanto, suas obras tanto em vida e após a mesma chegou ao Brasil e também aqui em Manacapuru, não se sabe ao certo como os caboclos da princesinha da Solimões, como é popularmente hoje conhecida, tiveram o conhecimento sobre os feitos do santo, seja, casamenteiro ou milagreiro, mas no ato de seus temores familiares de guerrilheiros cabanos se valeram do mesmo, fazendo promessas o que foram ouvidas suas preces, e até hoje fazem menção do mesmo em honra e gratidão por tal livramento.

Dado o encerramento de seus dias em vida o mesmo passou pelas mansões dos espíritos celestiais no ano de 1231, ficando em memória que em seus dias fez vários milagres e ajudou muitas pessoas, a serem agraciados como resposta de suas convicções na fé que se aplicam ao venerado e consagrado Santo Antônio.

E assim aqui em Manacapuru e principalmente no bairro de terra preta também houve milagres, livramentos e curas por intermédio da fé que tiveram no Santo Antônio, quando se deu livramento de alguns homens que habitavam aquele local no período em que houve a guerra, mais conhecida como cabanagem.

Foi justamente neste período que foi feita a promessa ao Santo Antônio, que apesar de inúmeros conflitos com a igreja católica, famílias e promesseiros continuasse sendo realizada a festividade.

Após realizada a promessa e o livramento de muitos, que saíram da guerra

com vida, segundo relatos de dona Wanda Coelho, seu bisavô contratou índios *Muras* que trabalhavam com ele, e mandou que os mesmos retirassem na mata uma madeira e fizessem a imagem de Santo Antônio², e assim foi feito, esta imagem que até o presente momento é a original feita por homens nativos da região que ali habitavam na época.

Segundo dona Wanda Coelho nos contou que seu bisavô era nordestino e ao chegar na região, conheceu sua bisavó com quem formou família e seus descendentes que seguem até a presente data, festejando o venerando Santo Antônio, seguindo assim de geração a geração.



Figura 1: Imagem de Santo Antônio utilizada nos festejos do bairro de Terra Preta, em Manacapuru, Amazonas. Foto: Hermes Souza, 2016.

Quanto a imagem de Santo Antônio do bairro de terra preta, não é fácil falar pois a mesma agrega hoje um valor simbólico muito grande para os devotos e fiéis promesseiros e devido a sua cultura e tradição, a cada ano vem despertando nos mais jovens e filhos daqueles que já prestam suas honrarias como fiéis em também seguirem os mesmos atos de fé e devoção ao Santo.

² Entrevista realizada em 27/05/2016.

A imagem que foi esculpida em madeira por homens, caboclos nativos, que tiveram a ideia e conhecimento de escolher bem a madeira, para fazerem a imagem que devido a sua qualidade que vem se conservando bem sendo a mesma a aproximadamente quase dois séculos de acordo com Amorim (2013), passando está por uma reforma em maio deste ano, para renovar a pinturas e serem colocadas novas fitas que assim o enfeitam, para as treze noites que sucedem as cerimoniais festivas do mês de junho de cada ano.

Esta imagem que tem aproximadamente cinquenta centímetros de altura, e para eles os idealizadores, do maior movimento festivo católico do bairro de Terra Preta, tem e carregam em suas memórias, é o ato de maior devoção e honra, carregando em si um valor impar para a comunidade de fiéis, e tem sido passado de geração a geração esses valores culturais materiais e imateriais, por isso que este evento vem se perpetuando ano após ano.

Mas para os adeptos da fé católica e devotos, de Santo Antônio que é o guerreiro, protetor, milagreiro e casamenteiro, no referido bairro supracitado o mesmo é tido como milagreiro, pois o mesmo nos últimos anos tem recebido as honrarias dos fiéis que tem o compromisso de não falhar com suas obrigações de promesseiros.

Para os líderes da festividade o bem material de maior reverência, se trata da imagem do santo, este que é objeto sagrado de maior respeito dentro e fora da capela, da festa e está na memória de muitos, embora o mesmo esteja entre outros santos (as) e estando este no altar em lugar de destaque, reservado para a imagem de Santo Antônio que fica ladeado por Santíssima Trindade e Nossa Senhora de Fátima, e abaixo somente da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, e juntos aparelhados formam uma estrutura de grande valor em forma de pirâmide, no que diz respeito a sua formação no altar o qual transmite aos seguidores fé e devoção.

Portanto, para eles os descendentes dos promesseiros a imagem de Santo Antônio é tido como sagrado, do qual eles mesmo se dão e exigem muito respeito é o objeto de maior respeito dentro desta festividade, e somente é carregado nas procissões por alguém a quem foi dado a autorização por meio de um compromisso em que venha se pagar uma promessa.

Santo Antônio que carrega o menino Jesus no colo como uma representação de zelo que o mesmo tinha em vida pela obra de evangelização e a prova de amor que o mesmo tinha em favor das classes menos favorecidas também.

E assim também a grande parte da comunidade do bairro Terra Preta carregam o santo, não no colo mas em seus atos de confiança, fé e gratidão pelas respostas de suas orações e petições recebidas como ato de fé que se tem no Santo Antônio.

Na festa também temos outros objetos sagrados, como o gambá um instrumento feito de um tronco de madeira, uma árvore conhecida como “piranheira” (*Piranhea Trifoliata Bajú*), tem forma roliça, de diâmetros variados, tendo partes ocas e cortada em toras, servem para se fazer o instrumento, sendo uma de suas extremidades fechada com o couro, uma espécie de tampa feita da pele de um animal como a pele do boi, veado ou onça, esses animais tem um couro de boa qualidade e pode ser usado para ser feito a tampa, após ser retirado passa por um processo de secagem e em seguida é preparado para tampar uma das extremidades do tronco de madeira que tem aproximadamente 100 centímetros de comprimento e 105cm de diâmetro.

O mesmo sendo manejado por quem entenda de música ou ritmos musicais ao ser manipulado corretamente produz uma sonoridade bastante agradável pra quem gosta de som mais agitado envolvendo batucada ou ritmo de agitação.

Não se sabe ao certo de quem foi a ideia de se fazer o instrumento e até mesmo de dar este nome de gambá, o que se sabe é que os idealizadores deste movimento festivo criaram este instrumento, que hoje é tido como sagrado, pois o gambá na sociedade contemporânea é conhecido como um instrumento de corda semelhante ao violino, e também ao atabaque.

O certo é que na celebração do festejo de Santo Antônio do bairro Terra Preta temos a presença do gambá um instrumento bastante utilizado e que faz a diferença nas cantigas no festejo, sem ele é quase que impossível de serem puxados ou entoados as músicas e ladainhas, pois é o gambá que dita os ritmos, bastante usado em todas as músicas da presente festa. Ressaltamos que gambá “*Didelphis*”, também é o nome dado um animal de pequeno porte da família dos (*Didelphidae*).

Mas o gambá que aqui vamos falar tem uma semelhança com um instrumento conhecido como atabaque um instrumento musical de percussão afro-brasileira, e fabricado em indústria qualificada, enquanto que o usado na festividade do bairro de Terra Preta foi fabricado de forma artesanal que se constitui em forma cilíndrico, ou cônico com uma das bocas abertas e outra fechada com couro de boi, veado ou onça.

O gambá utilizado na festa de Terra Preta data-se de 10 de novembro de 1903, de acordo Fernandes (2016), quando o mesmo foi inserido na festividade, também passou por uma reforma em 08 de dezembro de 1995, entalhados em seu corpo este que já tem mais de cem anos, e somente configuram para nós a existência da festa centenária, que já perpetuam aproximadamente dois séculos de existência, de acordo Amorim 2013.



Figura 2: Instrumento de percussão conhecido como Gambá. Foto: Hermes Souza, 2017.

Ressaltamos aqui que o gambá tem uma semelhança bem comparativa com um outro instrumento de som conhecido como atabaque, nos leva a creditar o gambá foi feito de forma rústica seguindo o mesmo formato do então instrumento afro-brasileiro.

“O atabaque é um tambor de mão com origem afro-brasileira. Existem três tipos de atabaques. O mais alto é o Rum, ele produz um som baixo. O atabaque médio alto é chamado de Rum Pi-e, como era de se esperar, ele produz um som de percussão médio. O menor atabaque é chamado de Le, produzindo um som de percussão elevada. Estes tambores são fabricados com madeira de Jacarandá, que é encontrada no Brasil. Uma pele é colocada ao longo da tampa do tambor. Anéis metálicos rodeiam o cilindro na parte superior ou na cabeça e na parte inferior do tambor. Cunhas de madeira são montadas firmemente entre o anel de metal e inferior do tambor, o que também afeta o som do atabaque. Eles podem ser tocados com a mão ou com baquetas.” (TODOS INSTRUMENTOS MUSICAIS, 2017, *online*).

Este instrumento que pode ser tocado com as mãos e também com o auxílio de duas baquetas feitas de madeira, em algumas vezes com uma mão e uma baqueta, isso dependendo do tambor e do ritmo e do percutor.

O atabaque ele chega ao Brasil trazido pelos escravos, para serem tocados o maculelê e as danças de capoeira, e também são usados nas celebrações religiosas do candomblé.

Mas o instrumento que é tocado durante a festividade de santo Antônio ele é totalmente manipulado com as mãos, e seu maestro que o sabe tocar muito bem, sendo ele o puxador de todas as cantigas e ladainhas que são de autoria deles próprios que cantam com uma sintonia ligada ao ato da fé e devoção.

Este instrumento o gambá somente é utilizado dentro das festividades do referido bairro de Terra Preta em honra ao santo de devoção, pois os instrumentos que dão ritmo a todas as cantigas e ladainhas do movimento festivo de gratidão e fé, são todos tidos como sagrado, por isso que os mesmos não podem ser utilizados para outros fins, para não serem profanados.



Figura 3: Utilização do Gambá durante a festa. Foto: Erivânia Marques, 2017.

O instrumento gambá serve de apoio para o seu percutor que após sentar sobre o mesmo, o ajuda para que o mesmo seja tocado com batidas sincronizadas no mesmo, e seguindo o ritmo das ladainhas ou cantigas que são entoadas e cantadas pelos foliões como é dado o nome aos músicos dali.

Em conversa com o senhor Basílio de Souza Fleury, ele que já vem tocando o gambá a aproximadamente dez anos, nos relatou que o instrumento é semelhante ao atabaque, que é um instrumento bem parecido com o que ele toca, com diferença apenas das formas de fabricação e peso, enquanto o atabaque é fabricado em indústria especialidade e tem sua tampa de um material fino, o gambá é um pouco pesado, o couro que cobre a tampa é de um animal que é colocado, e por ser o couro de um animal que é tratado de forma ainda artesanal como eles aprenderam, e isso ao ser tocado exige com que as batidas sejam bem mais forte.

“La na hora que tô lá a vontade e a respeito à minha família pelo meu avô o síndico, que ele foi um dos fundadores da festa na hora que ali só quem sabe mermo na hora que tá tocando lá sente arrepio que agente nos que somo descendente deles ai que é os fundadores da festa é vontade fé ali na hora que agente sente também que agente é

pelo Santo Antônio, santíssima trindade jesus cristo ali na hora agente vamos levando é vários ritmos lá nele lá é quem sabe bater eu sou o primeiro lá, o puxador do ritmo por ter a batida mais forte depende das músicas das ladainha lá, é fé na hora muita fé vontade é qué uma festa tradicional, foi passando de pai pra filho de avô e hoje nós tomo levando nosso festejo ai.” (Basílio de Souza Fleury, entrevistado em 25/09/2017).

Basílio nos contou que sem o gambá não tem como acontecer as cerimoniais dentro da festividades, ou seja, para ele é sagrado a presença daqueles instrumentos, e daqueles jovens que se reúnem todos os anos para fazerem aquilo que aprenderam que é tocar as cantigas e ladainhas.

Frisaremos também aqui a respeito de outros instrumentos que são fabricados de forma artesanal a maneira rustica que é o cara-caxé, mais conhecido como reco-reco, e faz parte da cultura material presente na festividade de Santo Antônio do bairro de Terra Preta.

“O reco-reco é um instrumento de percussão de mão, que provavelmente foi usado pela primeira vez e inventado pelo povo Taino, um grande grupo indígena que vivia em áreas como as Bahamas, Antilhas e Grandes Antilhas, na era pré-colombiana. É um instrumento de percussão tocado em uma grande variedade de músicas hoje, particularmente na América Latina e Cuba. O reco-reco tem um som de “raspagem” único. O reco-reco tradicional é feito com cabaça oca. Isto significa que os tamanhos e formas podem variar. A cabaça é esculpida no exterior com ranhuras, de modo que quando um bastão de madeira é raspado através das ranhuras, cria-se um som parecido com o da catraca. Dependendo da música e tempo, o movimento pode ser para cima ou para baixo ao longo das ranhuras, e rápido ou lento.” (TODOS INSTRUMENTOS MUSICAIS, 2017, *online*).

O reco-reco utilizado na festividade de terra preta o mesmo é feito de uma árvore conhecida como bambu mais conhecida popularmente como taboca, esta que é cortada em pedaços de aproximadamente de 50 centímetros de comprimento, tem seu formato cilíndrico, é preparado para fazer o instrumento reco-reco após ser

secado o mesmo é lixado feito cortes transversais uniformes causando incisões e excisões em quase 80 por cento do pedaço de madeira, tendo um corte na outra face onde é retirada uma parte para facilitar o seu uso e a produção de som.

Este após passar pelos cuidados de seu artesão é pintado, e com ajuda de um pedaço pequeno de madeira de uns vinte e cinco centímetros de comprimento semelhante a um espeto de churrasco e bem mais resistente, para ser tocados e produzirem sons, é necessário que se faça movimentos de vai e vem sobre as excisões que produzem um som que o caracteriza o seu nome reco-reco, seu som unido ao dos outros instrumentos, forma os tons sinfônicos característicos das cantigas e ladainhas dos cerimoniais da festa.



Figura 4: Instrumento de percussão conhecido como reco-reco. Foto: Hermes Souza, 2017.

Os cara-caxé são vários instrumentos que é necessário dezena de foliões que tocam os mesmos de forma sincronizada que ambos tocados juntos produzem um único som, estilo ritmo de cantada de capoeira, uma arte que envolvem movimentos com simulação de luta das artes marciais.

O reco-reco é um instrumento fabricado totalmente manual pelo seu artesão que tem uma habilidade bem sincronizada na sua produção, tudo é feito de

forma simétrica, obedecendo a dedicação e precisão de como é fabricado o menor instrumento musical da festa de Santo Antônio do bairro Terra Preta.

Também é um instrumento que somente é utilizado dentro da festa em respeito e honra ao sagrado, já que para eles os foliões os tais instrumentos são de grande valor simbólico, portanto o que é sagrado não podem ser profanados.

Um outro instrumento também usado é o tamborim, um instrumento de percussão, feito em forma de tambor pequeno, aqui no Brasil é bastante utilizado nas danças cantadas de origem africana, nas batucadas e no meio do samba é tocado com uma baqueta ou com as mãos, mais precisamente com a palma da mão ou ponta dos dedos.

“Tamborim: seu telecotoço chama atenção no meio da música: É o instrumento menor e de som mais agudo da família dos tambores. Diferente do tan-tan e do surdo, ele não serve para manter o ritmo do samba. O que importa é a criatividade do músico na hora de usar a baqueta. O tamborim é de origem africana e podemos encontrá-los em orquestras de músicas eruditas.” (TODOS INSTRUMENTOS MUSICAIS, 2017, *online*).

Entendemos que o tamborim antes de ser feito do tamanho em que conhecemos hoje ele era um pouco menor, conhecido como pandeiro, após alguns reajustes o mesmo foi ganhando um tamanho maior e denominado de tamborim, como veremos na imagem a seguir.



Figura 5: Instrumento de percussão conhecido como tamborim. Foto: Hermes Souza, 2017.



Figura 6: Tamborim sendo utilizado durante a festa de Santo Antônio. Foto: Erivânia Marques, 2016.

O que é usado aqui na Terra Preta ainda é o feito de forma rústica diferente do que é feito em indústria com material de metal e acrílico, recoberto com pele de animal, ambos são bem semelhante um do outro porem com a mesma função produzir som, os tamborins são tocado com pequenas baquetas feitas de bambu ou com a própria mão, salientamos aqui que só existem dois desses instrumentos que são utilizados no festejo.

Os tamborins são tocados dentro do festejo de Santo Antônio do bairro Terra Preta são instrumentos que fazem parte daquela cultura e também são objetos

de grande respeito, sendo estes manejados somente por quem é dado autorização visando não se perder os valores contidos nos mesmos, ou seja, eles são sagrados, portanto não podem ser violadas as suas funções.

Como foi possível e observável ver os tamborins e seus percutores que sabem tocar muito bem esses instrumentos, que herdaram o dom de tocar de seus pais, e tiveram a responsabilidade e a fé de passarem o legado aos seus filhos, para que os mesmos aprendessem e mantivessem a tradição de passar a experiência para as gerações futura, este que é um legado deixado pelos pioneiros das cerimônias feita em honra ao Santo Antônio.

Terra Preta é cheio de ritos Esses instrumentos musicais que compõem o acervo da cultura material do grande movimento festivo que ocorre no bairro de Terra Preta, são fabricados de formas rudimentares, ou melhor artesanal ambos tem um valor agregados neles sendo estes as peças fundamentais para que ocorram e sejam bem cantadas e ritmadas todas as cantigas do festejo.

Mas o festejo de Santo Antônio no bairro de Terra Preta onde a comunidade que participa ativamente tem os seus cuidados, com toda a organização onde temos também os mastros que são erguidos no primeiro dia do mês de junho, e se estendera até o dia treze, quando se dará o encerramento com a derrubada dos mesmo, e tem um significado impar dentro das cerimônias que são prestadas ao referido santo.

Os mastros são madeiras compridas tendo entre seis e sete metros de comprimentos. Após, serem retiradas da mata os mesmos são enfeitados com frutas de diversas variedades e são colocadas juntas aos mastros ainda verdes pois ali passaram treze dias expostos a ações climáticas da região que outrora é quente durante o dia e somente a noite que baixa a temperatura, o que facilita o amadurecimento das frutas.



Figura 7: Mastros utilizados ao longo da festa. Foto: Erivânia Marques, 2016.

Mas os mastros não são erguidos de maneira aleatoriamente: eles carregam um valor simbólico bastante honrado pelos devotos do festejo, além de os mastros terem significado dentro das promessas e sua ritualística, são eles que servirão de suporte para se fazer o castelo que é também uma outra cerimônia dentro das honrarias feitas ao querido Santo Antônio do bairro.

Geralmente o número de mastros são variados giram em torno de quatro, cinco ou seis dependendo dos organizadores e das arrecadações que são feitas, para se fazer os devidos enfeites ou ornamentação com frutas e ou brinquedos, o que animam bastante para a sua derrubada atraindo assim bastante crianças para o ato de sua derrubada.

Os quatro ou cinco foliões que ficam com a responsabilidade de retirar os mastros, antes de saírem para a floresta, eles pedem em oração a permissão para entrarem na mata e fazerem a retirada dos troncos de madeira que serão usados como mastros.

Quanto aos mastros, ao serem todos organizados para a sua levantação os mesmos são erguidos dentro de uma reverência e entusiasmo seguindo um padrão já estabelecido desde de sua origem, começando com o cantar pelos foliões, que cantam as ladainhas do começo ao fim, após todos os mastros estarem erguidos,

essas cantigas são realizadas em um círculo em torno dos mastros, de acordo com o número dos mesmos.

De acordo com Amorim (2013), são os mastros que representam o alimento e agradecimentos, significando que nunca mais lhes faltará comida para as pessoas como para os passarinhos.

São os mastros que são utilizados para fazerem o castelo, que servem como a entrada e saída de um outro ritual a então conhecida como canoa da alumiação ou de acordo como eles a chamam carinhosamente de barquinha da alumiação um ritual como ato de fidelidade.

Os mastros são interligados um ao outro com cipós, ou palhas tecidas feito tranças com ornamentações de samambaias, flores e bandeirinhas de papel coloridas ambos ligados formam o que chamamos de castelo, uma espécie de portal para a saída e a entrada da imagem no retorno da procissão fluvial, é neste retorno que também acontecem, de acordo com Fernandes (2016) o encontro de Santo Antônio com as imagens da Santíssima Trindade, do Espírito Santo e de Nossa Senhora de Nazaré.

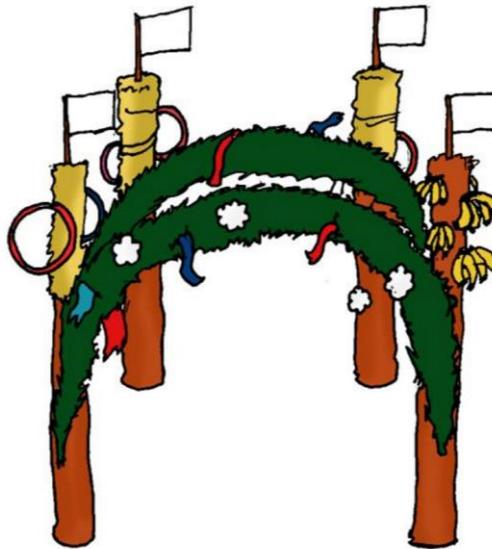


Figura 8: Castelo utilizados na festividade. Imagem: Gabriel Sá.

Como podemos observar no desenho de Gabriel Sá a formação do castelo a união dos mastros juntos com as bandeiras no alto do mastro essas que representa o Santo Antônio.

É neste ato que se apresenta uma outra cultura material a barquinha da alumiação que de acordo com Amorim (2013), significa o aviso da chegada da bonança, por isso que a barquinha é feita com todo um cuidado em respeito ao que ela representa, para eles os artesãos, que tem a incumbência de prepararem a barquinha com toda a seus adereços engendrados para assim configurar o seu significado representação, que em seguida com os cânticos durante a procissão, é colocada ao rio, e ao mesmo tempo é liberada ficando à deriva do vento e da correnteza e representa um ato singular de fé e gratidão e esperança.



Figura 9: Barquinha utilizada na festa. Foto: Erivânia Marques, 2016.

A barquinha ou canoa da alumiação é feita de forma rústica e artesanal, para se fazer são necessários a retirada de pedaços de uma espécie de planta que se encontra geralmente em áreas de várzeas ou charcos, são o que chamamos de anhinga, essa árvore por ter o seu caule total composto de uma fibra de cortiça e que dificilmente vai ao fundo, a mesma tem característica de boias, ou seja ela flutua na água, ao ser cortados em tamanhos específicos são aparelhados lado a lado, para se fazerem a barquinha que é toda enfeitada, como se fosse uma noiva para o casamento, e assim são os cuidados em preparar a canoa para o seu dia, da cerimônia.

E assim segue-se as obrigações e diversões deste festejo que se preparam para finalizar as noites que se comemora mais um ano de gratidão ao santo que realizou milagres no passado e continua ainda sendo o protetor daqueles que depositam sua fé referido Santo Antônio.

Para finalizar o festejo, dar-se por intermédio de uma cantiga conhecida como o sela-cavalo, que é por intermédio do sela-cavalo que se encerra todas as honrarias do festejo de Santo Antônio.

3.2. Reflexão sobre resultados alcançados

Para nós quanto ao resultado da pesquisa nos comporta a satisfação de termos conhecido mais sobre a festa de Santo Antônio do bairro de Terra Preta, conseguiu-se perceber o quanto de valor se tem por cada ato que acontecem no desenvolvimento das atividades.

Quando olhamos para todos os principais atos cerimoniais que ocorrem dentro do festejo e ficamos procurando entender o que está acontecendo, o porquê que a comunidade faz todos os anos os mesmos atos, repetindo novamente os mesmos rituais, que são apresentados durante todas as treze noites dando ênfase em alguns dias específicos, que são realizadas as celebrações de maior reverência.

Daí por que tiramos nossas conclusões a respeito de algumas perguntas ou indagações feitas por nós o porquê alguns de largo observam, mais não chegam a procurar realmente entender o porquê de tal celebrações.

Por exemplo, para nós apenas olhávamos e víamos alguns mastros serem erigidos e aquilo era como se fosse um espetáculo de circo, mas não aquele ato ímpar ali tem um significado, uma representação, e grande valor simbólico para os devotos de Santo Antônio.

Várias pessoas reunidas pela manhã, com uma mesa ornamentada com alimentos das mais variadas espécies de alimentos regionais, a imagem de Santo Antônio, o seu protetor e milagreiro, um momento de união e respeito por mais um ano de conquistas e gratidão, ali se degustam o café da manhã partilhado, entre os familiares e amigos dos descendentes e idealizadores da festa.

Os instrumentos musicais que são utilizados com uma maestria bem apreciável e ao mesmo tempo com honra e respeito, que os mesmos ganharam durante os anos em que vem ocorrendo o movimento festivo, no referido bairro de Terra Preta ao seu santo de devoção.

Cada um dos instrumentos, carregam consigo um significado e ao mesmo tempo, representando algo sagrado dentro do ato de louvor, que para alguns sem a presença deles fica impossível de serem entoados e ouvirmos as ladainhas, os cânticos, durante este evento religioso e popular, não podendo ser profanados os tais instrumentos.

Obtivemos também informações de quanto a dimensão, que este evento que teve, até então era bem grande chegando a reunir um contingente bem grande de pessoas e até terem a presença de cantores nacionais.

E ainda de acordo com Amorim 2013, que devido aos últimos acontecimentos como discórdias com a igreja católica, as brigas entre as famílias, as intervenções lucrativas, e também a diminuição do espaço, com isso houve uma diminuição quanto ao seu auge em que outrora acontecia.

Pudemos constatar que continua-se sendo realizado o festejo de Santo Antônio do bairro de terra preta com as mesmas características desde seu início, diminuiu a dimensão de pessoas, mas a grandiosidade de fé, gratidão e compromisso em pagarem suas promessas acontecem com os mesmos fervores.

CONCLUSÃO

Para concluirmos este trabalho, ao nosso modo de ver em algumas questões levantadas sobre esta festa, e que ao mesmo tempo podemos constarmos que se trata de um movimento religioso, e não o que algumas pessoas a tenham em suas concepções a respeito da, a respeito da pergunta: se é uma festa de santo ou não? já que é questionado sobre os atos religiosos.

Por exemplo quando se questiona sobre a ausência de um padre nas celebrações, isso ocorre por não se ter aceito os atos litúrgicos da prelazia, ou melhor os herdeiros dos idealizadores preferiram que as cerimônias fossem realizadas de acordo como eles aprenderam, por tradição de seus antepassados e não o imposições das ordens da igreja.

No caso a questão da utilização dos instrumentos gambá, Tamborim e cara-caxé, que são de origens africanas, e nos momento de louvor e adoração na igreja católica não são aceito o uso desses instrumentos nos momentos litúrgicos da igreja católica.

A razão de não se ter um representante legal da igreja católica não tirou a essência de um movimento religioso, em que se celebra um santo, e que permanece acontecendo as mesmas ações de graça e louvor com a mesma convicção de que se teve quando do seu início.

E quanto aos objetos que representam a cultura material, que tivemos a oportunidade de observar como os mesmos são utilizados, o que eles representam para a comunidade, que o reverenciam dentro deste festejo, constatamos que os mesmos não são um objeto comum para eles, são muito mais que isso, são caracterizado como sagrado.

Em quase todas as conversas em que tivemos com alguns descendentes da família Coelho, ou pessoas que são ligadas a eles, e que passaram também a venerar e render suas ações de fé e gratidão, é quase que unânime suas respostas quando perguntamos sobre o que representa para eles a cultura material, que englobam os atos dos rituais do festejo, no bairro de Terra Preta em homenagem ao Santo Antônio, ai eles dizem que são sagrados.

Concluimos que ao identificarmos e caracterizarmos a cultura material dentro da festividade que ali acontecem, chegamos por fim dizendo que tal movimento merece nossas considerações e respeito, pelo grande movimento que ali fazem em honra ao maior evento festivo religioso, de uma sociedade que vem mantendo seus hábitos e costumes, com uma visão de manterem vivas suas tradições.

Constatamos também que não há mais a cerimônia da mesa dos inocentes e isso faz parte da cultura e história de um povo, portanto requer que se saibam que um desses ritos já não se realizam mais, neste ato de fé e gratidão.

Tememos a perda da história, de uma cultura centenária, que constatamos e observamos, vemos que a presente parafernália de uma introdução de novos hábitos e costumes provocados pela até então nova tecnologia avançada os micros aparelhos, talvez possa mudar o pensamento de muitos jovens, em relação ao aprendizado deles, e principalmente no que desrespeito a transferência dos conhecimentos de fé e devoção que são passados de geração a geração.

Concluimos com um pedido aos nosso governantes municipais que esta festa, ou melhor que essa cultura, seja tombada e conservada e esteja nos anais da história de Manacapuru, e venha fazer parte dos registros desses acontecimentos para não se perder a memória e identidade de um povo, pois um povo sem identidade e memória, é um povo sem história.

Então o que queríamos com nossa pesquisa, descobrimos que é muito mais o que se imaginam a respeito da cultura material, é mais do que um objeto qualquer tudo ali é sagrado e portanto nos reportamos dizendo que nada ali pode ser profanado.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Sergio Ivan Gil. A questão social no novo milênio, VIII congresso luso-Afro-brasileiro de Ciências Sociais Coimbra 16,17 e 18 de Setembro de 2004.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas**, v. 6, n. 1, p 11-23, jan.-abr. 2011.

ULPIANO, T. Bezerra de Meneses. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Artigo publicado na Revista de História n. 115; USP, 1983.

FERNANDES, Úrsula Regina Vieira. **Festejos de Santo Antônio do bairro de terra preta (Manacapuru-AM)**, Úrsula Regina Vieira Fernandes. 2016. 286.: f 31cm. (Tese Doutorado em Sociedade de Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas

MESQUITA, Fabio de Azevedo. **A veneração aos Santos no Catolicismo Popular Brasileiro: Uma Aproximação Histórico-Teológica**, Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 155-174.

BRAGA, Sergio Ivan Gil. **Festas religiosas e populares na Amazônia: cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Oficina do CES n.º 288 Outubro 2007, OFICINA DO CES, Publicação seriada do **Centro de Estudos Sociais** Praça D. Dinis Colégio de S. Jerónimo, Coimbra.

<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/cabanagem.htm> acesso em 24/08/2017.

AMORIM, Antônio Ailsom Cavalcante de. *Terra Preta: a origem*. Manaus: Valer, 2013.

TODOS INSTRUMENTOS MUSICAIS. Atabaque é considerado sagrado no Candomblé. **Disponível em:**

<<http://www.todosinstrumentosmusicais.com.br/conheca-o-instrumento-atabaque.html>> Acesso em 08/09/2017.

<http://samba-ap.blogspot.com.br/2009/05/instrumentos-do-samba.html> acesso em 08/09/2017.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular Norte Ciência**, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

<http://www.a12.com/jornalsantuاريو/noticias/santo-antonio-sao-joao-e-sao-pedro-os-santos-juninos> acesso em 15/11/2017.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **O Ensaio Geral da Cabanagem: Manaus, 1832** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.